

## MEMÓRIAS APAGADAS: A MATERNIDADE SOLO COMO DEFINIDORA DE FUTUROS INFELIZES

Mellory Ferraz CARRERO  
Orientadora: Profa. Dra. Daniela Birman

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar o primeiro romance da escritora Julia Lopes de Almeida, *Memórias de Marta* (1888), sob o viés da marginalização da mãe solo, a qual é amplamente abordada pelo enredo. Trata-se de um livro sobre as memórias de uma jovem chamada Marta, cuja morte de seu pai quando ela era apenas criança impôs certos acontecimentos em sua vida e na de sua mãe. A partir dessa premissa, Marta narra sua formação em meio a uma sociedade que tanto a rechaça por ser mulher, solteira, inteligente, feia, pobre e órfã. Dessa forma, este trabalho parte de textos sobre o pensamento feminista e a história das mulheres para observar como as problemáticas que surgem com a maternidade solo estão intrinsecamente presentes em *Memórias de Marta*.

**Palavras-chaves:** literatura brasileira, maternidade solo, *Memórias de Marta*, Julia Lopes de Almeida.

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) foi uma escritora bastante prolífica no meio literário, tendo publicado livros infanto-juvenis, contos, crônicas, peças de teatro e romances. Idealizadora da Academia Brasileira de Letras, ela não chegou a fazer parte dos seus primeiros 40 imortais devido à exclusão das mulheres entre os intelectuais fundadores da casa. Porém, era figura presente nos ambientes frequentados por artistas de sua época, mantendo estreitos laços de amizade com alguns deles, inclusive tendo conhecido seu futuro marido, Filinto de Almeida, quando começou a escrever, a convite de Olavo Bilac, para o periódico por ele patrocinado, chamado *A Semana*.

Seu primeiro romance, *Memórias de Marta*, foi publicado primeiramente em folhetim no ano de 1888 e, muito posteriormente, em 1899, no formato de livro. Já em sua obra de estreia no gênero, Júlia Lopes de Almeida evidencia um aguçado olhar observador e crítico sobre as relações sociais que perpassam injustiças e misérias humanas.

Este romance esclarece dois aspectos fundamentais da obra logo em seu título: trata-se de um livro sobre as memórias de uma jovem chamada Marta (cuja mãe também se chama Marta); tanto o aspecto memorialístico quanto o protagonismo feminino têm um grande impacto no enredo. A história se inicia com a morte de seu pai quando ela era apenas criança e, com esse infortúnio, sua mudança para um cortiço. Vivendo apenas ela e sua mãe, ambas passam a conhecer a rotina do conjunto habitacional, experiência retratada sobremaneira na obra, e, após um tempo, a de um pequeno sobrado sofridamente mantido pelo parco salário de mãe e filha.

Ao longo da obra – digamos que até o desfecho da história (o casamento da filha e a morte da mãe) –, as Martas precisam suportar o fardo (imposto pela sociedade) deixado pela ausência da figura matrimonial e paternal. A partir dessa premissa, Marta narra sua formação em meio a uma sociedade que tanto a rechaça por ser mulher, solteira, inteligente, feia, pobre e órfã de pai. Através dos acontecimentos da pacata vida da protagonista, bem como das escolhas que ela precisa realizar levando em consideração sua situação socioeconômica, a obra discute temas extremamente importantes para o estudo de gênero e de uma parte significativa de pessoas marginalizadas da sociedade, já que a ausência paterna (mais precisamente, de uma figura masculina) determina todos os acontecimentos de sua vida – a maioria infeliz, como: rejeição amorosa e social, vivência em um ambiente por ela considerado hostil<sup>1</sup> e, como desfecho, um casamento de conveniência destituído de amor e felicidade.

Logo nas primeiras páginas, temos uma reviravolta na vida de Marta, que a transformará para sempre:

Foi nesse prédio da rua de Sta. Ana que meu pai morreu de febre amarela. A epidemia nesse ano não se contentara com pouco. Só no quarteirão em que morávamos, todo constituído por pequenas casas de porta e janela, tinham morrido mais de cem pessoas. E atribuíram a morte de meu pai ao ter ele comido duas mangas num armazem da Alfândega, onde trabalhava. O terror pela fruta inocente ficou por amor disso

---

<sup>1</sup> Há a importante presença do cortiço como moradia da protagonista, sob um olhar naturalista próprio do tempo de Julia Lopes de Almeida, confirmado por passagens do romance como “Quando abria os olhos via-me coberta por uma manta e com um véu sobre o rosto para que me não importunassem as mósas. Quantas mósas! O matadouro nas vizinhanças **infeccionava** o bairro enchendo-o ao mesmo tempo de **mau cheiro, de insectos e de ububús**. A atrevida familiaridade destas aves trazia-as a enfileirarem-se sobre o muro baixo do **Cortiço** e a se servirem para seu poleiro habitual de uma árvore sêca e esgalhada que havia ao fundo do pátio das tinas, onde se juntavam as lavadeiras.” (ALMEIDA, s/d., p. 12, grifo nosso), e “Tornei-me ainda mais linfática, tinha o pescoço cheio de caroços e os beiços esbranquiçados; veio o fastio, o sono e a doença. Passava as tardes em casa da vizinha, brincando com a Rita e o Maneco, enquanto a Carolina trabalhava. A pobre sofria calada as rebentinas da mãe, estava sempre magra, espigada, e no seu rosto oval e sardento, os olhos claros derramavam uma tristeza impressionadora. Era a doença, era o cansaço, porque ela, **estupidificada pelo meio**, nem tinha consciência do sofrimento...” (ALMEIDA, s/d., p. 32, grifo nosso).

implantado na família. Durante o período da doença, tanto a minha mãe, como a preta velha que a ajudava nos serviços domésticos, mal bastavam para os cuidados exigidos pelo enfermo a cujo leito deixavam-me encostar, inconscientemente. No dia do enterro tive medo. A casa encheu-se de vizinhas mais curiosas que prestativas. Ninguém se receava do contágio. Todo o mal atribuído às frutas: meu pai pelas mangas; a menina em frente por ter chupado cajus quentes do sol... (ALMEIDA, s/d., p. 7)

A escrita de Júlia possui uma característica expressiva que se exemplifica no excerto acima: descreve ambientes e traços culturais, cuidando para que as interações sociais também estejam bem representadas. Dessa forma, com a morte de seu pai, Marta analisa sua vizinhança, e as pessoas que, de alguma forma, relacionaram-se com o falecimento. Sabemos, então, que houve uma epidemia de febre amarela (a causa da morte do pai), que uma quantidade expressiva da população foi atingida por ela e que existia credices acerca da doença, sustentando-a enquanto um mal não apenas misterioso, mas principalmente atrelado a uma facilidade banal de contágio – fato que se evidencia com a sua ligação às comidas típicas da região (mangas, cajus). Esta mistificação contribuiu para a estupefação de Marta e para a associação que a protagonista faz do estremecimento gerado pelos malefícios da doença com o seu pai.

Podemos notar justamente esse vínculo negativo com o que se segue no enredo:

À hora da saída do corpo arrastaram-me à força para a última despedida, queriam que eu beijasse o cadáver. Debati-me, mordi os dedos que me seguravam e num arranco fugi para o quintal a refugiar-me sob a arvore protectora.

Março agonizava assoprado por um vento quente, precursor de tempestade; um vento que não aliviava os corpos abrasados mas agitava as ramagens. A casuarina cantava como se quisesse fazer-me esquecer a scena lúgubre. (ALMEIDA, s/d., p. 8)

Quando a natureza ganha protagonismo no livro, parece sempre indicar alguma coisa, seja um sentimento ou um presságio. No caso acima, ambas as ideias estão presentes, pois além de refletir o estado de abrasamento e agitação de Marta (e das pessoas que ela observa), a natureza já traz à tona o que o leitor encontrará na história: uma tempestade, metaforicamente falando.

Em meio a esse sentimento, a fuga da criança reflete quão assustadiça esteve na época do velório. Mas o motivo disso não recai apenas na morte em si, conforme admitido na seguinte passagem:

Mas eu não esquecia.

Com as costas unidas ao muro, os olhos sêcos de espanto, sufocando as palpitações do meu coraçãozinho como se a sua bulha bastasse para chamar sobre mim a atenção de toda a gente, fiquei muda, sentindo no corpo a frialdade daquele cadáver, com a sensação de que me iriam buscar para me embrulharem na sua roupa de espectro, larga, escura, cortada pelos traços longos dos dois cordões brancos.

Na morte, não era o pavor da cova negra o que me assustava mais, era a presença do Pai do Céu, de que me falavam a todo o instante, como uma punição para as minhas travessuras e um prêmio para virtudes que eu não conhecia e me pareciam de assombro! Efectivamente, que ouvia eu desde manhã até á noite?

“Menina não faça assim, que Deus castiga.”

Deus castiga!...

Por isso eu tremia toda (...) (ALMEIDA, s/d., p. 8)

Com suas fantasias por conta do pavor diante da situação, Marta atribui a si a temperatura que caracteriza um cadáver e imagina que ficará de mãos atadas e impossibilitada, por inteiro (se com a roupa a vestirem), de reagir, de fazer igual a sua fuga. De fato, encontra-se extremamente agitada – ou melhor, apavorada. Confessa, sobre isso, que se estava assim era por conta do misticismo todo, não pela presença da morte (pela “scena lúgubre”, como dito anteriormente).

Entende-se o porquê de a morte de seu pai não a abalar de acordo com o que se espera do falecimento de um pai, na sequência:

Dizem que o som da voz de quem morreu é a primeira coisa que se perde na lembrança de quem fica, e após tantos anos, sinto ainda nos ouvidos o timbre enrouquecido da voz de minha mãe nesta frase inesquecível:

– Entra. Ele foi-se embora.

Foi-se embora... Que alívio.

Da morte de meu pai foi a sensação que me ficou. Amei-o? Talvez, não me lembro. A convivência era pouca ou nenhuma. Ele passava a vida na rua, e eu agarrada às saias de minha mãe e de uma velha fula religiosíssima que toda se desmanchava em contar-me histórias de fantasmas e de terrores do diabo. (ALMEIDA, s/d., p. 10)

Quando menciona a voz da mãe, é em contraponto à de seu pai, pois, ao dizer que é o som da voz de quem morreu que se esquece, gera a expectativa de, em seguida, falar sobre a da figura paterna. Mas como ele é ausente (“Ele passava a vida na rua”), é a mãe que tem uma participação de extrema importância na vida da filha.

O impacto dessa constatação se dá ao ficarmos sabendo que, quando a mãe (também chamada Marta) lhe informa que “Ele”, presumivelmente o pai, foi embora – eufemismo para sua morte –, a criança sente alívio, sendo essa a sensação que lembra acerca do acontecimento. Por conta da insuficiente convivência, ela não sabe se o amou de fato, já que não se lembra disso: suas *memórias* não lhe dizem isso.

Não posso acompanhar o movimento da transição da nossa vida na Cidade Nova, para a outra que iniciámos num modesto cortiço da rua de S. Cristovam.

Aí já minha mãe não tinha consigo nem mesmo a velhinha que nos acompanhava outr’ora, e que partiu não sei para onde, nem com quem. Lembro-me de que vivíamos nós duas sós; minha mãe engomando para fora, desde manhã até á noite, sem resignação, arrancando suspiros do peito magro, mostrando continuamente as queimaduras das mãos e a aspereza da pele dos braços, estragada pelo sabão. Custou-lhe afazer-se aos maus tratos da miséria. Mas que resignação, depois! (ALMEIDA, s/d., p. 11)

Aqui, então, inicia-se a parte do romance na qual o enredo transcorre em um cortiço. Para dar conta do sustento das duas, a mãe passa a trabalhar como engomadora em uma jornada extenuante, sobretudo porque o ambiente não colabora, como veremos adiante. É importante ressaltar que, diante de um contexto repentinamente tão diferente do anterior, a figura materna não é retratada como heroica aos moldes românticos que se perpetua até mesmo mais de um século depois da publicação de *Memórias de Marta*.

Segundo a socióloga Orna Donath, em *Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade*,

embora não haja um sentimento único que os filhos inspirem nas mães, e embora os sentimentos de uma mãe possam variar ao longo de um dia e certamente com o passar de períodos mais longos, dependendo do comportamento dos filhos, do tempo, do espaço e da ajuda disponível, a expectativa é que todas as mães se sintam sistematicamente da mesma forma se quiserem ser encaradas como “boas mães”. Exige-se que a “boa mãe” ame cada um de seus filhos sem reservas nem condições (a não ser que eles tenham “se desviado do caminho da moralidade”), que exiba a graça da Virgem – se não imediatamente após o parto, certamente com o passar dos anos –, e que, se seu caminho não for um mar de rosas, assuma **o desafio de apreciar o sofrimento** que sua situação acarreta como um tormento inevitável e necessário no transcurso da vida de uma mãe. (DONATH, 2017, p.55-6)

Portanto, a sociedade impõe à mulher o papel da mártir que deve estimar seu padecimento, apresentando externamente uma graciosidade independentemente de suas dificuldades na vida. Só assim a mãe é considerada “boa”; do contrário, todo um estigma social, que repugna a mulher (o da “mãe ruim”), lhe é destinado.

Mas o romance não reproduz essa visão romantizada; pelo contrário, coloca uma mãe inicialmente não resignada, que reclama das condições miseráveis a todo o tempo, suspirando e mostrando as marcas de seu sofrimento. Colocar em pauta essa mãe de forma tão contrária àquilo que se dizia sobre a maternidade, ainda mais por ela, ao longo de todo o livro, mostrar-se a única fonte de felicidade à filha, demonstra que estamos falando de um livro bastante crítico.

O cenário passou a ser o destinado à parcela da população que vivia às margens da sociedade, aos excluídos, com parca ou nenhuma oportunidade de emprego, aos discriminados, aos que eram vistos como seres destituídos de dignidade. Nesse sentido, a viúva de um ex-viciado em jogo, que colocou tudo a perder e, tempos depois, sucumbiu à febre amarela, tinha poucas opções de moradia, visto que sua fonte de sustento seria, dali em diante, seu próprio esforço, seu próprio trabalho. Então,

"cortiço" foi o termo que as autoridades sanitárias passaram a utilizar quando desejavam estigmatizar em definitivo determinada habitação coletiva. Backheuser escreveu seu texto num momento em que tal estratégia já havia triunfado e produzido resultados importantes; se voltarmos para a década de 1870, recuperamos ainda o calor da luta. Os critérios para a identificação dos diferentes tipos de habitação coletiva eram então ainda mais indefinidos, pastosos mesmo, se acomodando aos interesses de ocasião das partes em confronto. Cubículos originados de subdivisões internas num casarão eram cortiços? Quartos construídos no fundo do quintal de uma residência, ou de uma fábrica ou oficina, eram cortiços? Chefes de família que alugavam cômodos em suas casas, às vezes até o sótão e o porão, seriam corticeiros obrigados a pagar impostos à

municipalidade? Numa cidade em crescimento acelerado e com déficit crônico de moradias, todos esses expedientes foram bastante utilizados. Parecia haver algum acordo apenas em torno do que era habitação coletiva, como definia, por exemplo, a postura de 15 de setembro de 1892: "São todas as que abrigarem sob a mesma cobertura, ou dentro da mesma propriedade, terreno etc., indivíduos de famílias diversas, constituindo unidades sociais independentes". (CHALHOUB, 1996, p. 40)

Quando foram morar em uma habitação coletiva, mãe e filha, em *Memórias de Marta*, vivenciam o dia a dia de um ambiente que a narradora representa como extremamente nocivo. Sobre essa sua visão do lugar em que passa a viver, o importante não é apenas onde se encontram essas casas e famílias diversas, mas como são:

Sonhando agora em ser mestra, eu não imaginava o descanso, o repouso ameno que eu lhe daria como recompensa dos grandes sacrifícios feitos por ela para meu bem-estar; eu não pensava em ser útil, em tornar-me necessária, imprescindível: eu queria ser mestra para não morar em um cortiço mal alumiado, infecto, húmido. (ALMEIDA, s/d, 21).

Localizado ao lado de um aterro sanitário, o cortiço no qual mãe e filha vão morar é insalubre – “mal alumiado, infecto, húmido” –, e, como ambas vivem entocadas no quatinho minúsculo onde vivem, esse é o cenário de parte significativa da vida delas. Inclusive, a capacidade de Júlia Lopes de retratar o entorno traz para o enredo uma discussão bastante delicada. A família vizinha de Marta nesse cortiço possui um filho de apenas dez anos que precocemente é levado pelo alcoolismo.

Voltei contente para casa e essa tarde passei-a tôda na porta, com as crianças da vizinha: a Carolina, o Manéco e a Rita.

O Manéco tinha dez anos, era magro, orelhudo e pálido; cheirava sempre a cachaça e vivia fumando as pontas de cigarros encontradas no chão. Era ele quem mais me afligia, entretanto quem mais me provocava! Quando se ria mostrava as gengivas arroxadas, como se estivessem cozidas pelo alcool, e os dentes grandes, desiguais, ainda muito novos. Era alto para a idade, mas madríssimo, com o peito fundo, e os braços e as pernas moles. (ALMEIDA, s/d, p. 22-3)

E, logo mais adiante, Marta reflete sobre as condições para que a criança esteja envolvida com drogas tão cedo:

O Maneco cheirava sempre a alcool, tinha a mania de dar beliscões finíssimos que arrancavam bocadinhos de pele á gente. Eu raramente via o pai, que saía de madrugada para o trabalho e só voltava á noite. Aquela ausência ajudava a mergulhar o pequeno no vício. Era o vendeiro da esquina, o *Seu Joaquim*, quem, para rir, fôra ensinando o rapaz a beber... (ALMEIDA, s/d, p. 32)

Por isso, a ausência paterna não está em pauta apenas em relação a Marta. O livro aborda o personagem Maneco, retratando a condição de abandono infantil gerador de condições precárias e miseráveis, as quais, mais ao final do romance, vão ditar o destino da criança: a morte por alcoolismo. Sobre a mortalidade infantil decorrente do abandono,

No Rio de Janeiro e demais cidade que conheceram o abandono de crianças, constata-se quadro semelhante ao de Salvador. A morte precoce consistia no destino da maioria esmagadora de bebês auxiliados pelas câmaras e hospitais. Mesmo as crianças escravas gozavam de perspectivas mais alentadoras do que as abandonadas. O percentual de mortalidade infanto-juvenil dos expostos oscilava entre 600 e 700 em mil; já o índice dos escravos atingia valores da ordem de 500 em mil, enquanto entre os livres a respectiva fração girava em torno de 350 em mil meninos e meninas na faixa de zero a sete anos de idade. (VENÂNCIO, 2000, p. 212)

Maneco já possui dez anos de idade, e sua mãe se preocupa com ele, apesar de não ter condições, nem tempo, para estar presente em sua vida. De qualquer forma, o que lhe acontece é fruto de uma cultura que possui um alto percentual de mortalidade infanto-juvenil como o acima exposto.

Apesar de bem menos chocante, é o rumo da vida da protagonista que suscita uma reflexão mais pormenorizada da formação do jovem diante da maternidade solo em meio a uma sociedade patriarcal. Diferentemente dos livros naturalistas do período em que publicou, como *O cortiço* (1890), escrito pelo seu conhecido Aluísio Azevedo, Júlia Lopes constrói uma personagem que, por notar que a sociedade lhe exclui por conta de sua condição socioeconômica em virtude da ausência do pai, busca na sua própria

educação o meio de reconhecimento e subsistência. Assim, Marta filha passa a estudar árdua e persistentemente, e começa a trabalhar para a professora do colégio. Com isso, mãe e filha conseguem sair do cortiço e ir morar em uma casinha pacata, porém mais asseada, mesmo que seu aluguel seja praticamente todo o dinheiro que Marta filha recebe. Aliás, fato marcante é a decisão de Marta filha quanto a alugarem ou não essa casa, já que só o fez depois de um possível pretendente ter se interessado por ela, mas desistido porque soube que ela morava em um cortiço.

Um baile é o episódio na vida da protagonista que faz com que ela note quão pouco traquejo social ela possui e o desprezo que a sociedade lhe dispõe: sente a indiferença das pessoas em relação à sua presença e, além disso, não se sente bem quanto à sua aparência, visto que é rejeitada por um cavalheiro ao dançarem. Tendo “vertigens e um humor execrável” (ALMEIDA, s/d, p. 91), após a festa, Marta mãe a leva para uma consulta no médico:

Correu minha mãe alvoroçada ao médico e o médico aconselhou que me casasse. Aquilo era **histerismo**. Tais palavras foram como que chicotadas que me batessem nas faces. Minha mãe ficou-se a olhar para êle, com olhos tristes...

O médico sorriu e remediou:

– Ou então uma viagemzinha, distrações... ar puro...

Desdenhei-lhe o conselho por achá-lo irrealizável. Ela, porém, não descançou, e foi ter com a mestra, a quem disse tudo entre lágrimas. (ALMEIDA, s/d, p. 91 - grifo meu)

Carregado de machismo, o conselho médico incluiu inclusive uma menção ao histerismo (tema tão discutido pelo movimento feminista): “Aquilo era histerismo” não faz parte da voz narrativa da protagonista; é, pois, uma fala do próprio médico, que acaba de dizer que a solução para a convalescença de Marta é ela se casar. O olhar da Marta mãe e o espanto da Marta filha dizem muito sobre a característica do enredo de não submeter facilmente suas personagens às amarras sexistas. Porém, por mais que não tenham gostado dessa intromissão, ambas parecem reconhecer, cada uma a seu modo, que o que ele disse tem um fundamento para existir: achando impossível que sua condição socioeconômica a leve ao matrimônio, a protagonista desdenha do conselho; já sua mãe passa, a partir de então, a ter o casamento de sua filha como o objetivo de sua vida, o que veremos acontecer ao final do livro, mesmo que a contragosto da personagem principal.

Seguindo as indicações do médico, Marta vai, então, viajar com a sua amiga professora e chefe. Passando algumas semanas no interior, sua vida está tranquila e estagnada quando, de repente, um jovem surge em sua vida. Trata-se do sobrinho da amiga, chamado Luis, e que se interessa por ela, dedicando-lhe versos e indicando uma possível relação amorosa a ser concretizada. Marta se apaixona verdadeiramente pela primeira vez na vida, sobretudo por se sentir correspondida após tanto desprezo da sociedade em relação à sua condição e à sua aparência. Apresentado, desde o início, como um rapaz displicente, arrogante e *bon vivant*, mesmo entrando em contradição com o que dizia para Marta, ela ainda assim vislumbra um futuro com ele. Porém, com a chegada – passageira, que seja – de uma bela jovem estrangeira, ele passa a desprezar Marta para com essa outra pessoa ficar.

Traumatizada por mais uma rejeição em sua vida, a narradora, mesmo conseguindo um emprego de professora concursada, precisa enfrentar a ideia de se casar. Sua mãe a comunica que um freguês seu (que Marta sequer conhece) a pediu em casamento para ela. Inicialmente, notamos certa recusa do pedido:

– Não desejo casar-me...

– Mas... balbuciou minha mãe, empalidecendo.

– Alcancei uma posição independente; não precisarei do apoio de ninguém.

Estas palavras disse-as eu sêcamente.

Minha mãe baixara a cabeça; e depois de uma pausa silenciosa tornou-me com a voz baixa e comovida:

– Seja! Eu não queria fechar os olhos sem te ver casada... só, num mundo tão perverso como este... Depois, o Miranda tem óptimo comportamento... é talvez velho para ti, mas havia de ser excelente marido, sério, honesto, e delicado...

Enquanto ela dizia isto, eu via, como num sonho, a encantadora figura de Leonor...

Estremeci, ouvindo minha mãe referir-se ao meu futuro; meditei num minuto a minha vida inteira!

– Ouve-me, filha: a reputação da mulher é essencialmente melindrosa. Como o cristal puro, o mínimo sôpro a enturva... Pensa. (ALMEIDA, s/d, p. 142-3)

Por mais que agora tenha uma certa independência econômica, ela não abarca a social, ou seja, enquanto solteira na sociedade não haverá valor concretizado para si, que é o que ela enfrentou até o momento sem um patriarca na família. Isso porque

A construção desse discurso “natural” do papel feminino, bem como o de sua identidade moldada pelo discurso moral católico, irá trabalhar produtivamente, gerando práticas culturais e garantindo a perpetuação feminina sobre o lar, mediante a produção de uma subjetividade de ser para os outros. O marido torna-se, por definição, a presença mais importante no universo feminino. Ele não só representa a autoridade moral constituída, como também em torno dele é que giram todas as representações possíveis produzidas pela cultura à mulher. (TEDESCHI, 2008, p. 103)

Sabendo, pois, dessa sua condição, compreende que, para manter-se nos padrões sociais, deve aceitar o pedido. E o que a faz se decidir por completo é a vontade de sua mãe de casá-la. Porém, é um destino triste, apesar de cômodo, porque não há paixão e amor: “Nunca no meu lar soaram as alegres e sonoras frases dos noivos apaixonados, nem tampouco até hoje houve um arrufo” (ALMEIDA, s/d, p. 155), já que “Ele era um homem de estatura mediana, gordo, calvo, com alguns fios brancos a luzirem-lhe na barba preta; de feições regulares, dentes pequeninos, e peito robusto” (ALMEIDA, s/d, p. 146).

A questão do casamento está presente dessa forma como um artifício para a sua discussão em meio à condição de órfã – de pai – na qual a protagonista se enquadra. Isso se comprova com o destino de sua mãe que, após somente oito dias do casamento de Marta, adoece e morre tranquila. Sobre isso, a própria narradora diz que

A minha inigualável amiga atravessou tôdas as miserias sustendo-se sempre nas asas. E’ que naquele corpo estreito, fraquíssimo, doente, havia uma alma forte, um coração sublime.

A minha maior felicidade consistiria em remunerá-la com largos juro de todos os sacrifícios feitos por mim, por isso preparava-lhe um resto de vida plácido; mas, coitada! Vendo-me amparada, com um auxílio certo e honrado, deixou-se descançar da grande luta que havia tantos anos travara com a morte.

Singular organização a sua! Enquanto dependi do seu trabalho, da sua vida, da sua protecção, movia-se sempre activa, desde a madrugada até á noite numa lida cruel; agora, que não se julgava precisa, deixou cair os braços e confessou-se exausta! É que tôda sua vida tinha sido só artifício, fôrça de vontade, nada mais.

Foi no oitavo dia do meu casamento que ela adoeceu. (ALMEIDA, s/d, 156)

Dessa forma, ela reconhece que a vida de sua mãe foi um sofrimento e um modo de proporcionar-lhe melhores condições. Apenas, então, quando a achava “protegida”, ou seja, casada e bem disposta perante a sociedade, porque agora havia uma figura masculina associada a ela, é que Marta mãe pode enfim descansar. Esse esforço de sua mãe pode ser explicado segundo os dizeres de Rachel Soihet no livro *História das mulheres no Brasil*:

A vida familiar destinava-se, especialmente, às mulheres das camadas mais elevadas da sociedade, para as quais se fomentavam as aspirações ao casamento e filhos, cabendo-lhes desempenhar um papel tradicional e restrito. Quanto àquelas dos segmentos mais baixos, mestiças, negras e mesmo brancas, viviam menos protegidas e sujeitas à exploração sexual. Suas relações tendiam a se desenvolver dentro de um outro padrão de moralidade que, relacionado principalmente às dificuldades econômicas e de raça, contrapunha-se ao ideal de castidade. (...)

No Rio de Janeiro, apesar de a grande maioria das mulheres da classe trabalhadora não contrair o casamento formal, ele se afigurava como um valor. (SOIHET, 2006, p. 368-9)

Retornando ao início do romance, vimos que Marta não se lembra de ter amado o pai quando criança, antes de ele morrer. Agora, sabendo de todo o percurso por que passou, e também que o livro se trata de suas memórias, ou seja, de uma perspectiva completamente atrelada a uma imparcialidade, podemos interpretar sua falta de memórias acerca do pai como uma, na realidade, falta de vontade de dele lembrar. Mais do que isso, porque ter morrido colocou a si e a sua mãe em uma condição social miserável – que definiu todo o futuro delas –, ela criou uma espécie de memória de trauma, a qual não lhe permite acessar informações que considera irrelevantes frente ao seu sofrimento de uma vida inteira.

Por esses episódios e temas que *Memórias de Marta* suscita, tomá-lo como objeto de estudo se faz bastante profícuo, pois explicita as problemáticas que surgem com a maternidade solo, sobretudo se compreendermos o viés do patriarcalismo incidente sobre o papel feminino do final do século XIX, estendendo-se – com características marcantes em cada época – ao XX e, ainda, aos dias atuais.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. L. de. (s/d.) Memórias de Marta, Livraria Francesa e Estrangeira, Paris. Disponível em:<<http://200.144.255.123/Imagens/Biblioteca/JFO/Media/JFO1180.pdf>>. Acesso em 15 de março de 2019.
- BASSANEZI, C. B.; PRIORE, M. D. (2000). História das mulheres no Brasil. 3. ed. Contexto/ Ed. UNESP, SP.
- CALEGARI, L. C.; FOSTER, D. W.; MARTINS, R. A. F. (2013). Excluídos e marginalizados na literatura: uma estética dos oprimidos, Ed. UFSM, RS.
- CHALHOUB, S. (1996). Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial, Companhia das Letras, SP.
- DONATH, O. (2017). Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade, Civilização Brasileira, RJ.
- ESTEVES, M. de A. (1989). Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Epoque, Paz e Terra, RJ.
- FARIA, A.; PATROCÍNIO, P. R. T. do; PENNA, J. C. (2015). Modos da margem: figurações da marginalidade na literatura brasileira, Aeroplano, RJ.
- MERUANE, L. (2018). Contra os filhos: uma diátribe, Todavia, SP.
- SOIHET, R. (2006). Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, M. Del (org.); BASSANEZI, C. (coord. de textos), História das mulheres no Brasil, Contexto, SP, p. 368-9.
- TEDESCHI, L. A. (2008). História das mulheres e as representações do feminismo, Curt Nimuendaju, Campinas/SP.
- VENÂNCIO, R. P. (2006). Maternidade negada. In: PRIORE, M. DEL (org.); BASSANEZI, C. (coord. de textos), História das mulheres no Brasil, Contexto, SP.